

O Sindicalismo na Revista do Brasil e a Mobilidade de Sentidos: entre o Discurso Combativo, Negociador e Defensivo¹

Patrícia Regina Schuster²
Universidade de Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

A discussão travada neste artigo resume parte das conclusões feitas por conta do desenvolvimento da tese de Doutorado. Objetivamos aqui retratar como a Revista do Brasil, veículo construído por um coletivo cutista, logo, especializado em jornalismo sindical, discursiviza o sindicalismo. De posse do arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso, investigamos os sentidos que atravessam as suas reportagens. Constatamos, com base numa pesquisa que comportou 28 textos, que o discurso da publicação está sedimentado em três vértices: o de combate, negociação e defesa. Eles denotam um movimento um pouco mais polissêmico em relação a outros dispositivos de mídia (Veja, para ficar no caso que escoltou nossa investigação) e um íntimo enraizamento às flutuações do próprio movimento sindical brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; Revista do Brasil; sindicalismo; discurso.

Introdução

A dimensão sindical, numa perspectiva de transversalidade com o jornalismo, por inúmeras vezes esteve presente na agenda dos estudos da Comunicação. Contudo, essas pesquisas promoveram um cotejamento, em sua maioria, a dispositivos midiáticos estatuídos como hegemônicos. Neste artigo - fruto do trabalho realizado na tese de Doutorado -, ao discutirmos como a Revista do Brasil (RB), veículo concebido por um coletivo de sindicatos cutistas no ano de 2006, discursiviza o sindicalismo, rompemos com este ciclo, haja vista que direcionamos nossos olhares para um agente jornalístico considerado periférico no espaço público.

Nos quadros conceituais da Análise de Discurso, de corrente francesa, buscamos entender como um veículo especializado em jornalismo sindical produz sentidos acerca de uma temática que atravessa toda a sua fala. Ou seja, invertemos a lógica de discutir a produção discursiva a partir de um polo que no universo jornalístico está apenas autorizado a falar das coisas e não é parte desse lugar, tal qual a RB.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Professora do Curso de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul (RS), doutora em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (RS), email: pati.jornalista@gmail.com.

Iniciamos nossa análise depurando as marcas presentes nas reportagens - integram nosso arranjo empírico 28 textos, reproduzidos entre junho de 2006 e junho de 2014. Na sequência, essas regularidades são reunidas e acomodadas em núcleos semânticos - Formações Discursivas (FDs). Nossa investigação encerra no reconhecimento de como a RB projeta sua rede de sentidos sobre o sindicalismo brasileiro.

1 Os Sentidos sobre Sindicalismo na Revista do Brasil

Passemos a observar o discurso em funcionamento. Importa antes atentar que as regularidades apuradas ao longo desta caminhada puderam ser subdivididas em dez Famílias Parafrásticas (FP). Cada FP é produto de uma afinidade de sentidos.

A fim de operacionalizar uma melhor visualização da gramática discursiva da RB, separamos 18 enunciados – todos pertencentes ao *corpus* da pesquisa que originou este artigo - que corroboram a natureza de cada uma das FPs.

FP1 - Prática sindical é de resistência

Na FP1, o efeito de sentido das marcas apuradas nas reportagens é de um sindicalismo aguerrido, autônomo, independente de governos e patrões. O ascenso da luta política dos anos de 1980, comandado pelo movimento sindical (o cutista, em primeira instância), está na base do seu dizível. É por esta razão que alguns dos termos expostos nos enunciados abaixo não adquirem o mesmo sentido do que se estivessem dispostos numa publicação tal qual *Veja*³. Palavras iguais sempre poderão significar diferente, já que “antes” delas falam as Formações Discursivas (FDs). Lembremo-nos do que diz Mariani (1998, p. 56)⁴: “[...] a posição político-partidária dos jornais, ao contrário do que usualmente se diz, encontra-se assujeitada a um dizer já posto pela FD dominante”.

A guerra não acabou SD01⁵

“Se o *trabalhador não põe o pé na porta*, prevalece a lógica patronal de dar o mínimo”, avalia o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre. SD02

Guerra (SD01) e *pé na porta* (SD02) apresentam sentido de agressividade. Mas não a mesma agressividade expressa nas páginas de *Veja*, pois como alerta Orlandi (2012a, p.

³ Nossos comparativos se dão todos com a revista *Veja* já que foi ela quem também pautou – junto com a *Revista do Brasil* - nossa pesquisa de Doutorado.

⁴ A autora menciona “jornais” porque sua análise os têm como referência, mas não há nenhuma implicação teórica em transferi-la a qualquer plataforma midiática que apresente as mesmas características dos jornais por ela analisados.

⁵ Todas as SDs serão apresentadas com letra menor que a do restante do texto e o fragmento textual que melhor caracteriza seu sentido será marcado em itálico com o intuito de facilitar a observação do leitor.

23) a “[...] palavra sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. É por serem enunciados perfurados pelo caráter do veículo que os conduzem (“dizer presente” - do jornalismo sindical) e pela memória do Novo Sindicalismo que eles apresentam um valor semântico que é beligerante, mas no sentido guerreador/guerreiro, que acentua-se graças à FD⁶ na qual essas palavras se inserem.

Esses enunciados, cujos sentidos promovem re-atualizações e retomadas a fim de consolidar uma imagem positiva do sindicalismo brasileiro, buscam garantir a plena identificação dos trabalhadores. Eles interpelam os leitores da RB numa tentativa de reavivar a fase heroica da CUT, marcada pela combatividade nos anos de 1980. O efeito é ainda o de conferir unidade ao discurso e à prática sindical que, mesmo diante de novas condições de produção (vinculação da CUT aos governos, chegada do PT ao poder), representa o embate e a união como principal estratégia de ação.

FP2 – Greves, protestos e manifestações são legítimos e valorosos

A FP2 reúne traços discursivos que concebem estes acontecimentos como práticas de direito. O efeito é, visivelmente, avesso ao cicatrizado em veículos de caráter comercial, tal como *Veja*, por exemplo.

Manifestantes de todo o Brasil viajaram horas, alguns até dias, para *ocupar a Esplanada* e levar reivindicações ao governo e ao Congresso SD03

O verbo *ocupar* (SD03) é a principal insígnia de que a RB maneja seu discurso sobre situações de embate com o capital ao abrigo de uma perspectiva de classe, aqui, da classe trabalhadora. Na FD em que a revista se inscreve, a atividade ganha contornos semânticos de licitude não só por se dar num espaço público - *Esplanada*. A argumentação apela para o discurso jurídico numa tentativa de transfigurar o discurso dominante.

Berger (1998) nos serve, de certo modo, de guarida para entendermos a mecânica discursiva adotada pela grande mídia – representada no seu estudo pela *Zero Hora*, maior veículo impresso em circulação no Rio Grande do Sul – e a RB. A autora menciona a forma como um movimento social (o MST, no caso) se relaciona com a imprensa e ilumina porque os ícones discursivos utilizados pelos dispositivos de

⁶ Todas as FDs serão discutidas separadamente, na última parte deste texto.

informação movem-se entre a ocupação e a invasão⁷. Para o MST constar na pauta dos veículos da imprensa de referência ele “[...] precisa ‘reinventar’ sua luta” (BERGER, 1998, p. 109). Invadir – e essa é palavra eleita pelos enunciadores do Grupo RBS – a propriedade privada. Num veículo que se reconhece como interlocutor dos movimentos – o sindical, preferencialmente – uma manifestação na Esplanada não precisa se tornar *trailer* de filme de guerra para se tornar notícia. A política de comunicação (BERGER, 1998) daqueles que organizaram a atividade na capital federal é lida como resistência e não como espólio ao direito do outro devido à projeção de classe (trabalhadora) que constitui o discurso da RB. Isto é, se há essa momentânea desestabilização, ela é significada nos contornos da lei por ser um subterfúgio (um dos únicos) – esse é o entendimento discursivo da RB - para chamar a atenção pública.

FP3 – Classe política age de maneira sorrateira ao tratar questões dos trabalhadores

Na FP3 há uma simetria de sentidos prontos a delatar o quão capcioso costuma ser o discurso dos políticos. Nestes trechos, a RB coloca estes sujeitos como inimigos de classe.

O caso da Emenda 3: *entenda como o país quase teve uma reforma trabalhista neste início de ano, e os trabalhadores foram informados disso no telejornal da noite* SD04

“É uma espécie de reforma trabalhista, mas feita de forma sorrateira”, responde a presidente interina da Central Única dos Trabalhadores, Carmen Helena Foro. SD05

As duas SDs acima são alusivas à “Emenda 3”, lei que alteraria⁸ as regras aplicadas à fiscalização nas empresas e traria danos à classe trabalhadora (segundo RB). Mas esse “visível” – dano – é exatamente o que os parlamentares, com seus fins estratégicos, tentavam esconder. A RB decidiu não entrar na “brincadeira de gato e rato” (CHARAUDEAU, 2012, p. 193)⁹ e, num gesto sócio-historicamente situado com o sindicalismo combativo, desvendou a fraude, que é sancionada ainda por uma fonte: a *presidente interina da Central Única dos Trabalhadores, Carmen Helena Foro* (SD05). Entretanto, ao consignar artilosidade discursiva aos políticos, RB justapõe-se a dois comportamentos ordinários à chamada grande imprensa. O primeiro deles é o de dar

⁷ Estes são apenas dois exemplos dentre outros tantos que poderíamos trazer para ilustrar quais são as implicaturas do funcionamento de palavras tidas como sinônimos no discurso.

⁸ A Emenda 3 foi vetada na época em que estava em discussão pelo então presidente Lula.

⁹ “[...] as mídias só podem relatar o visível das ações e do discurso político; como os políticos sabem disso, mostram o visível que querem, o qual, verdadeiro ou falso, está destinado a mascarar uma outra coisa [...]” (CHARAUDEAU, 2012, p. 193).

ênfase a um discurso estereotipado acerca do ser político (ainda mais aquele vinculado a partidos considerados de esquerda, tal qual o PT). Corrupto, desonesto, ladrão são algumas características enfeixadas em pronunciamentos noticiosos que direcionam sentidos para a negatividade da política e, por indução, dos políticos. A escolha de quem e de quando eles escapam destes clichês se dá ao sabor das linhas editoriais de cada veículo, mas, imprescindivelmente, é o discurso que cada dispositivo transporta que “[...] formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente” (GREGOLIN, 2007, p. 16). O político malandro representando no discurso da RB pode não ser o mesmo do discurso de Veja (e não é)¹⁰, só que ambos são construções simbólicas que estão a serviço da manutenção de relações de poder.

O segundo comportamento, decursivo do primeiro, é a demarcação do seu lugar de autoridade na cena política. É a “verdade objetiva”, da RB, que avalia a Emenda 3 e o desempenho dos políticos. “Nas mídias, os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade”. (CHARAUDEAU, 2012, p. 29). Para que o seu discurso e a sua “verdade” sobrevivam ao jogo das significações, para se constituir como novo lugar informativo, a revista sindical necessita desconstruir o espaço da política institucional (e alguns que dela participam), já ele também exerce pressão sobre a produção discursiva. E RB cumpre essa tarefa como se fosse apolítica (esse é o efeito).

FP4 - Empresas e empresários desfavorecem trabalhadores

O discurso, na FP4, é portador de marcas que, outra vez, anunciam uma interpelação ideológica classista. Em todas as SDs, é flagrante a responsabilização dos empregadores pelas dificuldades vividas pelos trabalhadores. Nas nervuras do discurso da RB, desta vez, são eles que são os vilões.

O empresariado nadou de braçadas com a pujança da economia brasileira em 2008 e agora, em águas turbulentas, começa a se desfazer de seu ativo mais valioso: o trabalhador. SD06

“É difícil amolecer o coração do patrão”, diz ele, lembrando que na pauta dos químicos apenas um item fundamental – a redução da jornada para 40 horas semanais, conquistada pelo setor farmacêutico da categoria no primeiro semestre – não foi estendido aos demais segmentos. “A impressão é de que os empresários, pelo menos do ramo químico, só vão aceitá-la quando virar lei”, afirma. SD07

¹⁰ Voltamos a atentar que tal afirmação tem respaldo graças ao estudo desenvolvido para o Doutorado.

Na opacidade do discurso da revista sindical, eles, os *patrões* e os *empresários* estão sendo ditos através da cavidade de não-ditos como aqueles que são duros, cruéis, maquiavélicos. Aliás, é válido notarmos que quando a RB fala a denominação é empresariado (SD06), que tem conotação jurídica, enquanto *patrão* (SD07) – transcrito na fala de um trabalhador - é qualquer pessoa em relação aos que a servem. Etimologicamente, *patrão* origina-se do latim *pater* – *pai*. Para os romanos antigos o *patronu* – *patrão* – era aquele que protegia os plebeus agindo como seus próprios pais. O discurso da RB evita a penetração dessa memória, a fim de resguardar sua posição ideológica, mas que na SD07 – *amolecer o coração do patrão* – está ativa.

Entre os dizeres “nivelados” e “desnivelados”, nesta FP, avistamos um discurso de vitimização do sujeito trabalhador. O desemprego é o fator mais pronunciado. Não obstante, ele é uma ameaça provocada pelos *empresários*. O âmbito sócio-político é reticente, enclausurado em argumentos um tanto estéreis de sentido: *pujança da economia brasileira em 2008 e agora, em águas turbulentas* (SD06).

Há nas marcas da FP4, para fechar, sentidos que colocam sujeitos em situação de oposição. O discurso é urdido de modo a colocar em duelo trabalhadores e empresários (patrões). Sempre que as duas posições-sujeito são postas a digladiarem-se, os sentidos entretecidos é de que um lado estão os “bons” e de outro os “maus”. Há na RB, a todo instante, um jogo de qualificação x desqualificação, de valorização x desvalorização.

A disputa aparece no seio desta FP como um fato social que representa a cisão de classe, enquanto que a díade direita x esquerda é completamente desvanecida. Uma operação semântica que tem razão de ser na RB: por ser dirigida por instituições cutistas, ela desinstala características que, antes da ascensão de Lula ao poder, eram caras ao sindicalismo brasileiro, notadamente o da CUT, cuja tendência político-ideológica era de esquerda.

FP5 - Políticas neoliberais são prejudiciais aos trabalhadores

O movimento sindical como um todo sofreu um grande “abalo sísmico” quando, a partir das décadas de 1970 e 1980, o neoliberalismo despontou. No Brasil, foi nos anos de 1990 que a doutrina da liberalização econômica, das privatizações, do Estado mínimo, do mercado aberto e da desregulamentação (são alguns de seus atributos) eclodiu. A FP5 hospeda marcas discursivas que recobram toda essa memória.

Na época, quem questionasse os mitos criados pela *cartilha dominante* virava estátua de sal. SD08

A eliminação de vagas veio acompanhada do *velho discurso da flexibilização dos direitos*. SD09

Cartilha dominante (SD08) e velho discurso da flexibilização dos direitos (SD09) são as denominações que circunscrevem o sentido do nomeado – neoliberalismo –, na RB. Ao redenominá-lo, a revista, situada na fronteira do dito, do silenciável e do dizível, faz com que os sentidos escapem de uma FD de absoluta liberdade (neoliberal) para a de cerceamento (SD08) e decadência (SD09).

Ao mesmo tempo que a RB arquiteta um outro dizível para o ideário neoliberal, distinto daqueles vocalizados pelos conglomerados midiáticos, o silenciável “[...] escorre por entre a trama das falas” (ORLANDI, 1995, p. 34). Em nenhuma das frações textuais acima, RB titula quem são ou foram os governos neoliberais. O efeito, por conseguinte, é de fatalidade inexplicável. Não é o de tornar visível este sistema em seu caráter histórico - e assim, cognoscível e transformável. É o de dimensionar a predisposição do trabalhador ao fracasso. E o elo sintagmático responsável por esse processo discursivo foi (SD09) o desemprego.

O reestabelecimento da memória da crise neoliberal através do desemprego alimenta o lugar social de combate que a RB constrói discursivamente para si. Se em outros veículos, o grande mal-estar econômico e social que tem vivido o país, acentuado após ter se tornado signatário do pensamento neoliberal, não é associado ao modelo econômico e é difuso como insucesso de práticas governamentais, na RB ele é salientado.

FP6 – Discurso da mídia é contra a classe trabalhadora

A FP6 compila marcas de sentidos que degradam o discurso da mídia. Não de qualquer mídia, mas daqueles veículos que a RB elegeu como inimiga dos trabalhadores, entre eles, o jornal *O Globo* (SD10) e a *maior empresa de comunicação do país* – leia-se Rede Globo (SD11). O efeito é acusatório: tais veículos manipulam, criam versões para os fatos que não teriam equivalência com o “real”.

A manchete do jornal O Globo de 27 de dezembro, dia da assinatura do acordo, reflete o pensamento de um setor do empresariado. SD10

Mas a grande quantidade de reportagens destacando aspectos teoricamente favoráveis da Emenda 3, especialmente na maior empresa de comunicação do país, levou parlamentares e sindicalistas desconfiados a apelidá-la de “Emenda Globo”. SD11

Os sentidos, na FP6, confiam a essa mídia – a outra mídia, que não a RB – uma imagem amedrontadora, como se ela fosse uma manipuladora de consciências, a única capaz de reproduzir uma ideologia. Cumpre a RB, como instrumento que refuta ser “[...] ‘um dos

instrumentos mais importantes no alto capitalismo” (MARIANI, 1998, p. 101)¹¹, a faina desse fazer saber.

Por outro lado, ao expatriar-se do mosaico da comunicação, RB “protesta’ sua inocência” (MARIANI, 1998, p. 81). Se os “outros”, na sua insana inquietude desferem uma verdadeira artilharia discursiva contra o trabalhador a RB não. Se os “outros” refletem *o pensamento de um setor do empresariado* (SD10), a RB não.

Os sentidos são inclinados a colocar a revista numa condição de insuspeita. Na “queda de braço” que o discurso sindical há de travar com os “outros”, com a imprensa em geral, essa demonstra ser uma das técnicas mais efetivas. O efeito é de confiança (nós, da RB) *versus* desconfiança (eles).

A esquerda em geral tem puxado para si a responsabilidade de oferecer “a verdade” para a população. Como os meios de comunicação controlados pela burguesia são deformadores da sociedade e levam o povo para as trevas da inconsciência, cabe aos esclarecidos líderes de oposição ao regime burguês “iluminar” as massas com a sua sabedoria. (VIEIRA, 2000, p. 07).

Podemos nos valer de Gomes (2003, p. 77) para afirmar que à sombra dessa relação de embate discursivo está a disciplina e o controle que o discurso jornalístico, esteja ele numa plataforma sindical ou não, assume. “Enquanto mostram, as mídias disciplinam pela maneira do mostrar, enquanto mostra, ela controla pelo próprio mostrar”.

A RB, “[...] na vontade de dizer esse discurso verdadeiro [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 20), regula o seu mostrar a partir do não mostrar das outras mídias ou do mostrar aliciado (ao capital) que elas praticam. Continuando ainda com Foucault (1996), temos de reconhecer que a RB – ao menos nas seis primeiras FPs – coloca em cheque as “verdades” da “outra” mídia, mas não no intento de contornar essa vontade de verdade, que subsume ao jogo do desejo e do poder. A verdade que ela quer – e não pode deixar de disfarçar, como fazem os “outros” – é a mesma: do poder dizer.

FP7 – Negociar é a melhor saída

Compreendemos a RB como um lugar de enunciação jornalística que procura manter um certo domínio sobre seu discurso. Um espaço permeado por regularizações (como indicam as FPs anteriores), mas jamais impotente às possibilidades de disjunções, de deslocamentos, de polêmicas e de contra-discursos (PÊCHEUX, 1999). As FPs que se

¹¹ A afirmação da autora parte de Walter Benjamin e diz que é a imprensa que ocupa este lugar social. Na certa, não são a veículos como a RB que os autores estavam aludindo, mas aqueles em que o capital mantém relações de funcionalidade evidente.

seguem dão a ver uma RB dona de uma produção em que o sentido nunca é unívoco, pode sofrer desvios, inversões, cujo território discursivo é de fronteira entre uma comunicação que se defronta com as forças sociais dominantes no mundo do trabalho e aquela que se retrai, voltada para uma dimensão mais colaborativa e/ou defensiva.

O exame de como estes muros “invisíveis” foram erguidos no discurso da RB pôs em relevo a existência de duas macrorregiões de sentidos. No interior de cada uma delas, há afinidades significativas que decompomos abaixo.

A F7 é a primeira a fazer esse processo de desfiliação de uma FD e filiação a outra. Ela acastela reiteraões de sentidos que estão empenhados em fomentar a negociação como instrumento de barganha sindical. O efeito é de que uma proposta de conciliação entre trabalhadores e empresários pode ser tão (ou mais) frutífera que uma greve. Cosidos a essa FP, estão significados de um novo tempo para os tempos modernos – para ficarmos na metáfora da obra cinematográfica protagonizada por Charles Chaplin. Tempo esse em que o sindicalismo, como outrora dissemos, passa por uma profunda revisão, que, inevitavelmente, vai refletir no discurso de seus organismos informativos, sobretudo na RB, onde o sindical é, como já salientamos, constitutivo do seu lugar de fala.

A proposta partiu da CUT e aglutinou outras centrais e parte do empresariado na luta para introduzir duas outras metas na política econômica: de crescimento e de emprego. A sugestão foi incorporada pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República e entregue ao presidente Lula no ano passado. SD12

Artur Henrique disse que a ordem é negociar à exaustão para evitar demissões e que as empresas têm recursos para isso, como férias coletivas, redução de jornada sem redução de salários e limitação ou fim das horas extras. SD13

O que está “ausente por sua presença” (ORLANDI, 2012b, p. 63) nestas SDs? O político. A ideia de negociação suplanta o caráter ofensivo do sindicalismo e faz a RB desembocar em outra área discursiva, em que o radicalismo é condenado.

Para todos os problemas do mundo capitalista há uma solução: negociar. É a negociação, combinada a um sentido de colaboração, que na SD12 ajuda a *introduzir outras metas na política econômica*. É ela que evita o desemprego (SD13). É ela que, em última análise, sinaliza para uma postura subserviente às determinações patronais.

O discurso da RB, assim, implicitamente, descontrói a eficácia de outras táticas de pressão, como a greve, as manifestações de rua. A negociação é a alternativa que restou. A convocação (PRADO, 2013) da RB, mediante o mundo globalizado em que a negociação (e a negociata) é, cada vez mais, uma exigência organizacional da vida como um todo, é para que o leitor conforme-se. Aceite, pacificamente, tudo que lhe está

sendo posto. A filosofia da “cooperação conflitiva” (SANTANA, 1999), enraizada no movimento sindical (no custista, sobremaneira, depois da chegada do PT ao poder), fez com que o discurso da RB sobrepusesse com um manto as contradições sociais, típicas do capitalismo. Os sentidos se puseram em fuga da historicidade classista da imprensa operária¹² e serviram de versão continuada da ideologia dominante.

FP8 – Governo do PT pode ser aliado

A FP8 é, presumidamente, a que mais destaca a renúncia de uma produção jornalística classista e, em simultâneo, sublinha o lugar de fala da RB, uma publicação gerida por um coletivo de sindicatos filiados à CUT. Concerne reparar que o movimento sindical brasileiro (e suas publicações) não é unidimensional e suas divisões organizativas têm diferentes motivações e significados.

As marcas de sentidos fazem ver o que, numa construção idealística de jornalismo sindical, não caberia ser visto (RANCIÈRE, 1996). O discurso da década de 1980, época do surgimento da CUT, marcado pela institucionalização de uma ação organizativa, cede, momentaneamente, a uma campanha de defesa dos governos petistas. Araújo (1998, p. 78) interpreta: “O ímpeto do discurso – atravessado pelo ônus de uma experiência histórica passada sob a pressão do Estado – faz esquecer [...] os inimigos que o mesmo discurso enfatiza, ou seja, os padrões, o governo e os fatos político-econômicos reificados em antagonismos sociais”.

Inspiradas em indicadores sociais positivos, *centrais sindicais comparam projetos de antes e depois da era Lula e ensaiam uma inédita aliança em torno da sucessão do operário* SD14

A RB põe em causa, nessa FP, novamente, um discurso conformista. Com Lula e Dilma no poder não seria mais necessário lutar pelas demandas históricas da classe trabalhadora. Ambos seriam a encarnação do povo¹³ na presidência da República. É a esse imaginário que o veículo da sustentação, obscurecendo a condição de ruptura de classe que permeia o lugar social de maior supremacia política do país – a presidência da República.

A RB, como pontuamos previamente, emoldura seu discurso ainda numa outra região intercalada por sentidos defensivos. Esbarramos em duas FPs que tendem para esse movimento.

¹² Não podemos esquecer que o lugar de fala de RB é acometido pela memória do Novo Sindicalismo, encabeçada pelo sindicalismo cutista, responsável editorialmente pela publicação.

¹³ Dos trabalhadores, sobremaneira, haja vista que é o Partido dos Trabalhadores que estes candidatos representam.

FP9 – Sindicatos/centrais não são pelegos

Na FP9 o discurso da RB abarca sentidos que negam uma possível condição de servilidade de sindicatos ou centrais sindicais ao governo. O estrategema é interceder em favor da desconstrução desse estigma que ronda o sindicalismo.

Mas não se livrou das tensões internas, *nem “chegou ao poder”, como afirmaram algumas vezes mais ácidas*, embora a relação seja efetivamente diferente na comparação com, por exemplo, os anos FHC. SD15

“Em todas as greves do governo Lula, a CUT estava à frente. *Mas não ficamos em cima do muro e com medo de apoiar as medidas que são favoráveis aos trabalhadores*”. SD16

No “oceano de palavras” da RB, não há “[...] palavras circulando no ar como as dos anjinhos anunciado seu advento” – para plagiar Charaudeau (2012, p. 161). Na SD15, há duas marcas que traem a “qualidade angelical” que o discurso jornalístico tenta construir para si. O uso das aspas no *“chegou ao poder”*, repetidamente, quer desconjuntar a RB do ataque à CUT (é sobre ela a reportagem). Conforme Maingueneau (2001) essa é uma forma do locutor (RB) se posicionar além destes enunciados. Estimular o leitor a ler aquelas palavras como se não fossem suas. O argumento, trazido na sequência, tenta intensificar o efeito de descolamento da revista dos que trabalham pela desconstrução da Central: são *vozes mais ácidas* – menos conscientes, menos moderadas - esse é o implícito.

A conjunção adversativa *mas*, na SD16, é outro mecanismo discursivo que intervém no suporte da FP9. Como operador argumentativo, ela valoriza, explicitamente, uma ideia em detrimento de outra. O efeito é de um *mea-culpa*: a CUT participou de greves do governo Lula, *mas não ficou em cima do muro*.

Os saberes da FP9, ao produzirem efeitos de negação de uma provável subordinação sindical, acabam por inocentar o discurso da RB. Como veículo coextensivo da CUT, ela se auto imuniza contra essas críticas. Faz como outros veículos de natureza hegemônica: teima numa fala higienizada, liberta de condicionamentos ideológicos. Os acontecimentos na RB são equacionados como efeito de evidência e literalidade, como qualquer discurso que deseja compartilhar do microcosmo jornalístico.

FP10 – Centrais sindicais estão divididas

A FP10 enlaça marcas que, mais que fazer notar a divisão do sindicalismo brasileiro, funcionam, em alguns casos, como desculpa para a sua estagnação. Se não há avanços

para os trabalhadores, o motivo não está na mudança de perfil dos sindicalistas, talvez mais acomodados em função do painel político. Os argumentos são deslocados não para outro ator, mas para uma realidade alternativa – de divisionismo -, como se essa não fosse uma característica orgânica do movimento sindical no país. O sentido do silêncio, como nos previne Orlandi (1995, p. 69), não pode ser recuperado só pela verbalização. Melhor dizendo: a fragmentação do sindicalismo, aqui, só interessa por seu acontecimento, não por sua estrutura, parafraseando o título de um dos textos de Pêcheux (1997)¹⁴.

Emprego do FGTS em infra-estrutura e saneamento *divide centrais*. Governo garante que não envolverá contas vinculadas. *CUT apoia e quer fiscalização*. *CGT e Força contestam* SD17

Mais de uma vez, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva repetiu aos dirigentes das centrais sindicais: se vocês *vierem divididos, fica difícil atender*. *Unidas, elas conseguiram conquistas como a correção da tabela de cálculo do Imposto de Renda na fonte e a política de valorização do salário mínimo* – que o presidente da CUT, Artur Henrique da Silva Santos, chama de “maior acordo coletivo do mundo”, pela quantidade de pessoas envolvidas. SD18

A CUT – e aí, outra vez, sobressai-se nesse discurso a voz institucional do veículo RB – posiciona-se como a central que tenta suavizar as diferenças ideológicas que desunem o meio sindical. Na SD17, ela *apoia e (mas) quer fiscalização*, enquanto a *CGT e Força contestam*. A modalização deste enunciado desenha, pelo não-dito, a primeira Central como aquela que quer melhorias em *infra-estrutura e saneamento (com fiscalização dos recursos do FGTS)*, à medida que as duas últimas não querem, são vazias, destituídas de projetos políticos para a classe trabalhadora. Fazem oposição por oposição.

Nas outra SD, o isolamento das centrais e forças sindicais volta a auto justificar o não atendimento, por parte de Lula, das reivindicações sindicais (SD18), pois *unidas elas conseguiram conquistas*. Abona ainda o não avanço de duas matérias caras ao meio sindical: *a correção da tabela de cálculo do Imposto de Renda na fonte e a política valorização do salário mínimo* (SD18).

O desculpismo se tornou a “válvula de escape” para as centrais/organizações sindicais explicarem o abandono daquilo que se espera ser uma de suas principais obrigações (segundo os princípios da luta sindical): a manutenção de uma conduta classista. Se elas se entendessem, estivessem sintonizadas política-ideologicamente, quem sabe, a classe trabalhadora teria seus pedidos atendidos (SD18). O discurso da RB não se interpõe nessa dúvida de modo neutral (ainda que ele se faça parecer). As incisões discursivas

¹⁴ *O discurso: estrutura ou acontecimento*.

vaticinam de que lado ele está: do mesmo daqueles que têm sempre um discurso pronto condescendente com suas falhas (que nem sempre são vistas como tais).

2 A Revista do Brasil e a Flutuação do Jornalismo Sindical

Na RB, como esboçamos durante a análise dos sentidos, há uma intensa mobilidade discursiva. O veículo sindical noticia sobre sindicalismo sob três vértices: combate, negociação e defesa.

Seu discurso asila portanto três FDs¹⁵, assim intituladas FD1 – Discurso do Sindicalismo Combativo, FD2 – Discurso do Sindicalismo Negociador e FD3 – Discurso do Sindicalismo Defensivo.

Sob a custódia da FD1, estão saberes abalizados por uma perspectiva de classe – da classe trabalhadora -, que ensejam uma ação transformadora da realidade política, econômica e cultural, que servem de ferramenta na luta contra a exploração (VERDELHO, 1986). Ela reúne seis FPs, cujos sentidos se repetem na potencialização da oposição de interesses entre trabalhadores e classe patronal. Imbuída ainda em sobrelevar a ideia de confronto, a RB, na FD1, exprime certa autonomia sindical. Certa, porque mesmo nessa FD há fragmentos das diversas vertentes ideológicas presentes no movimento sindical que a curto-circuitam. Mesmo assim, as construções discursivas, em sua maioria, polarizam um “nós”, trabalhadores, *versus* um “eles” (empresas, empresários, governos, mídia).

Para arrematar, perpassa a FD1, o discurso do Novo Sindicalismo, com toda a sua bagagem contestatória aos governos ditatoriais, de luta pela democracia, de institucionalização da ação organizativa. A enunciativa RB, nas zonas limítrofes da FD1, convida seus interlocutores a confiarem na sua própria capacidade, a duvidarem do discurso midiático, que não o seu.

A FD2, por sua vez, armazena duas FPs em que os enunciados são construídos no intuito de louvar um sindicalismo que ensaia uma aproximação, seja com patrões, seja com governos (o do PT, essencialmente). A conciliação, a não radicalidade é respaldada pela revista nessa FD como saída para os trabalhadores.

O legalismo, a possibilidade de se chegar a “bons termos” para ambos os lados e a busca pelo consenso são os recados discursivos da RB. A intransigência (classista), nessa posição, vira teimosia. Ela cede seu lugar para a tolerância, a flexibilidade. O

¹⁵ Entendemos FD como um espaço aberto, invadido por noções, elementos que vêm de outro lugar e chegam sob a forma de pré-construídos (PÉCHEUX, 1993).

ímpeto dos anos de 1980 é sufocado, ou porque não resta outra saída para a classe trabalhadora, senão aceitar (índices de reajuste pífios, retirada de direitos...), ou porque a RB coloca o governo do PT – o federal, sobretudo – num espaço de coalizão, dispensando o respaldo político-organizativo dos trabalhadores.

A FD3 também concentra duas FPs. Há, por parte da RB, um investimento na estratégia da negação. Os enunciados são providos de sentidos que assumem uma postura de defesa. A FD3 vitimiza a CUT, faz dela bode expiatório do sindicalismo brasileiro. As propostas estão sempre fora de seu escopo de responsabilidade ou são intangíveis. Há uma transferência, consciente ou inconsciente, de obrigações para fatores externos. E quando, na FD3, a RB deixa ver que a “má” conduta é inegável, como no caso da divisão das centrais sindicais, ela mortifica-se: admite o erro e pede perdão.

A ideologia defensiva (DEJOURS, 1994 *apud* HALLACK; SILVA, 2005, p. 75), acolhida por essa FD, cauciona as relações de poder. Gasta-se tempo e linhas e mais linhas falando dos nós políticos, quase impossíveis de se desatar, peculiares à organização sindical, para se atravancar uma possível ação. Na pior das hipóteses, a FD3 acarreta num imaginário perseguidor entre seus membros.

Considerações Finais

Com base no que foi discutido, pudemos apreender como um veículo fora do circuito hegemônico opera na produção de sentidos sobre o sindical. A Revista do Brasil demonstrou uma maior pluralidade discursiva. Ao apossar-se de um lugar de fala em que o sindicalismo não é apenas falado, mas que interpela toda a sua discursividade, concluímos que ela tira sindicalistas e trabalhadores (suas pautas) das adjacências, mas também não deixa de sofrer as imposições editoriais características de qualquer organização discursiva.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silvia Maria P. de. Quando ler jornais é mais que informação: ensaio metodológico sobre o discurso da imprensa sindical. **Barbarói**, n. 8, p. 63-82, jan./jun. 1998.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HALLACK, Fernanda Sansão; SILVA, Cláudia Osório da. A reclamação nas organizações do trabalho: estratégia defensiva e evocação do sofrimento. **Psicologia & Sociedade**.

Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 74-79, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a11v17n3.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades?. **Comunicação, Mídia e Consumo/Escola Superior de Propaganda e Marketing**, v. 4, n. 11 (novembro 2007), p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/6865/6201>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922 – 1989). Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012a.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Capinas: Pontes, 2012b.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 61 – 161.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

_____, Michel. Papel da memória. In: Achard, Pierre (Org). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC – FAPESP, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó (SC): Argos, 2011. p. 21-49.

SANTANA, Marco Aurélio. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, p. 103-120, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n41/1754>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

VERDELHO, Valdeci. A nova imprensa sindical. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 80-98.

VIEIRA, Toni André Scharlau. O descompasso entre o discurso sindical e o trabalho de base também é uma questão de comunicação. In: V Congresso da Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação (ALAIIC), 2000, Santiago do Chile/Chile. **Anais...** Santiago do Chile/Chile: ALAIIC, 2000.